

Oficina de fotos – a atividade de criação literária revelada pela fotografia.

Photo workshop – the literary creation activity revealed by photography.

Alice Paiva Souto; Claudia Osorio da Silva,

Universidade Federal Fluminense

RESUMO:

Este artigo é fruto de uma pesquisa de doutorado com estudantes do ensino médio que frequentaram as oficinas de criação literária do Projeto Turista Aprendiz (TA). Busca-se destacar o desenvolvimento do poder de agir dos jovens envolvidos na pesquisa pela atividade de criação literária. A partir do referencial da clínica da atividade, foi realizada uma oficina de fotos, a qual consiste em um método indireto que utiliza registros fotográficos feitos por seus participantes. As fotografias, sob essa perspectiva, funcionam como marcas da atividade e viabilizaram uma análise compartilhada entre estudantes e pesquisadoras. No diálogo sobre a atividade de criação literária, foi possível observar um reposicionamento subjetivo por parte dos estudantes com a ampliação do seu poder de serem afetados. Desse modo, a oficina de fotos se mostrou um método provocador de desenvolvimento, com benefícios para a ampliação do poder de agir no âmbito da atividade de criação literária.

Palavras-chave: clínica da atividade; criação literária; poder de agir

ABSTRACT:

This paper is the result of a doctorate degree research with high school students who attended the literary creation workshops of the Learning Tourist Project (TA). It seeks to highlight the power of action of the young people involved in the research by means of the literary creation activity. Departing from the activity clinic theoretical reference, a photo workshop was accomplished, which is an indirect method using photographic records made by its participants. The photographs, under this perspective, work as activity markers and make viable a shared analysis between students and researchers. In the dialogue about the literary creation activity, it was possible to observe a subjective repositioning by the students, which increases their power of being affected. In this way, the photo workshop proved to be a provocative method of development, with benefits for the extension of the power to act within the scope of literary creation activity.

Key-words: activity clinic, literary creation, power of action

Introdução

O presente artigo contempla alguns dos resultados da pesquisa de doutorado intitulada "Escrever é uma Viagem. A atividade de criação literária no desenvolvimento dos turistas aprendizes" (SOUTO, 2016). Esta teve como campo o Projeto Turista

Aprendiz (TA)¹, que ofereceu oficinas de criação literária associadas a deslocamentos geográficos para estudantes do ensino médio da rede pública do estado do Rio de Janeiro. Busca-se neste artigo enfocar o desenvolvimento do poder de agir na atividade de criação literária, tomando como base o método da Oficina de Fotos no âmbito da clínica da atividade (OSORIO, 2010; OSORIO DA SILVA, 2011).

O poder de agir é um conceito central desta perspectiva e pode ser entendido como o poder de ser afetado de que cada um dispõe em maior ou menor grau, segundo sua história singular (CLOT, 2010). Trata-se de uma apropriação efetuada por Clot da filosofia de Espinosa, a fim de pensar o desenvolvimento da atividade. Segundo o filósofo, quanto mais o ser humano é capaz de ser afetado e de afetar os outros de muitas maneiras, mais é capaz de perceber o que o conduz à compreensão (SPINOZA, 2007). Com base nisso, Clot afirma ainda que o poder de ser afetado pelas diversas atividades da qual se é sujeito é diretamente proporcional ao poder de agir. Este é inerente à atividade e possibilita ao sujeito lidar com os inesperados do real e, diante deles, reinventar novas formas de viver uma produção de subjetividade.

Segundo o autor, o poder de agir se desenvolve com o movimento entre as expressões sentimentais e as representações mentais. Um sujeito capaz de ser afetado é potente em sua ação. Nesse sentido, é aquele que possui uma maior mobilidade interfuncional, ou seja, a capacidade de colocar uma função a serviço da outra: por exemplo, emoções a serviço do pensamento e vice-versa (CLOT, 2010).

Segundo a psicologia histórico-cultural, que é também marcada pela filosofia de Espinosa, o desenvolvimento emocional depende da relação entre as emoções e a consciência. Há uma falta de funcionalidade quando essas dimensões se encontram desarticuladas. Assim, entende-se que o homem, a partir do conhecimento dos afetos, tem poder de transformá-los de um estado passivo para um ativo (MAGIOLINO, 2010). De fato, o termo “ser afetado” não é marcado pela passividade, mas pelo desenvolvimento do poder de agir e das possibilidades de criação (MAGIOLINO, 2010). No caso da criação literária, a escrita pode servir ao propósito de trazer a emoção oculta para a esfera da consciência, construindo uma nova percepção por parte do adolescente, de si mesmo e do mundo.

Desse modo, a criação não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas está por toda parte – na vida cotidiana e desde a mais tenra infância, quando o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo. Mesmo que esse “novo” pareça um grãozinho, se comparado às criações dos gênios. Ela está presente na vida

corriqueira dos homens, estando sempre ligada a um modo de apropriação e transformação da cultura e da história (VIGOTSKI, 2009: 15–16).

Nesse sentido, quando se menciona a criação neste artigo, ela não é entendida apenas como um diálogo interno do jovem consigo próprio, mas como um movimento dialógico com o seu meio, a partir do qual é possível uma transformação de si e do mundo. A partir de tal acepção, pode-se afirmar que escrever não é apenas esclarecer o que já se havia pensado, o que se pensa ou o que se sabe. Não se trata de uma escrita que simplesmente reproduz um saber pré-estabelecido, mas, sim, que produz abertura à potência de criação.

O tema da criação e recriação no trabalho é central nas pesquisas em clínica da atividade, uma vez que a atividade humana é entendida como uma fonte inesgotável de criação, podendo ser alienada ou reprimida, mas nunca abolida completamente. Para Clot (2007), a atividade de trabalho não só possui uma função psicológica na vida pessoal e social, como também a desenvolve. Nessa perspectiva, o objeto da psicologia do trabalho não se esgota na realização da tarefa, mas abrange o desenvolvimento da atividade, seus impedimentos e sua dinâmica de elaboração (BARROS, PASSOS & EIRADO, 2014).

Também os jovens envolvidos no Projeto TA foram muito além da tarefa de escrever textos literários relacionados a suas viagens. Pela metodologia da clínica da atividade, foi possível acompanhar o desenvolvimento do poder de agir desses jovens por meio da análise da atividade de criação literária empreendida por eles próprios, cotejada ao uso da imagem na oficina de fotos.

A metodologia da clínica da atividade no Projeto TA

A clínica da atividade tem suas bases na psicologia histórico-cultural de Vigotski e também recebe influência de outras teorias, como a linguística de Bakhtin (2006) e a ergonomia situada francófônica (WISNER, 1995). Nessa abordagem, o conceito de atividade de trabalho é central (OSORIO et. al., 2015). Embora esta pesquisa não analise a atividade de profissionais em um meio de trabalho, mas sim de estudantes, considera-se o fato de que a tarefa de escrever constantemente, inclusive para a edição de um livro ao final do projeto², mobilizou os jovens coletivamente para o desenvolvimento de uma atividade comum, assim como em um contexto laboral. A atividade, dessa forma, é entendida como uma pluralidade de encontros: encontros de ideias, de vivências, de corpos, num processo complexo de possibilidades que

demandam escolhas e que incluem valores (BARROS, 2008). Sob essa ótica, o que os estudantes fazem no TA é considerado trabalho e é objeto de análise no âmbito da pesquisa.

O Projeto TA como um todo atendeu diretamente cerca de 100 jovens no ano de 2014 com a realização de 4 oficinas de criação literária, sendo 25 vagas por oficina. Tais oficinas foram realizadas em localidades que favoreceram o acesso de jovens moradores de favelas e de bairros periféricos à cidade do Rio de Janeiro³. Durante cada oficina, foram realizados deslocamentos geográficos com as turmas para regiões da cidade do Rio de Janeiro, bem como pequenas viagens com a duração de um fim de semana para cidades vizinhas. Também fez parte do projeto TA um módulo desenvolvido no início de 2015, durante o qual foram realizadas quatro viagens de nível nacional para distintas regiões do Brasil⁴. Para esse módulo, foram selecionados⁵ cinco estudantes de cada oficina, totalizando vinte participantes.

Foram realizadas para a tese de doutorado entrevistas com os dois professores e com a assistente pedagógica do Projeto TA. Foram ainda consultados documentos e relatórios escritos pelos profissionais do projeto, bem como textos literários escritos pelos próprios estudantes a partir de sua participação nas oficinas de criação literária. O diário de campo, com registros do processo observado e também da experiência da pesquisadora, como preconiza a análise institucional (LOURAU, 1993; OSORIO DA SILVA, 2016), foi um recurso metodológico importante. Compôs também a metodologia da pesquisa a realização de uma oficina de fotos (OSORIO, 2010; 2011) a partir de uma viagem com cinco estudantes do Projeto TA pela Região Norte do país, com duração de dez dias. Essa oficina será destacada na análise presente neste artigo.

A oficina de fotos

Na metodologia da clínica da atividade, o uso de fotografia é uma das opções possíveis, como foi o caso da oficina de fotos. Trata-se de um método indireto de pesquisa, no qual a análise se faz coletivamente e a partir de marcas da atividade. Além de fotos, estas marcas também podem ser falas e/ou imagens registradas em áudio, vídeo ou outros modos de registro que vierem a ser propostos⁶. As oficinas de fotos, embora sempre diferentes nos variados cenários onde têm sido realizadas, seguem alguns princípios inerentes à metodologia (OSORIO, 2011). Na maioria das pesquisas relatadas por Osorio, há uma discussão inicial a respeito dos objetivos da oficina proposta pelo pesquisador e, em seguida, os trabalhadores produzem fotos —

individualmente ou em pequenos grupos — que tenham relação com sua atividade de trabalho. As fotos produzidas são, então, apresentadas e discutidas pelo conjunto de participantes a partir do que lhes chama a atenção em cada uma. Há uma atividade de análise da atividade de trabalho.

Nesta pesquisa, a oficina de fotos também teve início com uma discussão sobre seus objetivos. A proposta feita aos estudantes foi a de que cada um deles, durante a viagem, deveria tirar cinco fotografias que melhor expressassem a atividade de criação literária relacionada ao deslocamento geográfico vivido por eles. A apresentação dessa proposta foi feita em um encontro de preparação para a viagem com os cinco estudantes selecionados pelo projeto. Todos concordaram em fazer as fotos e participar da pesquisa. A viagem teve duração de dez dias, com início na cidade da Manaus (AM) e término em Porto Velho (RO), e foi intitulada pelo Projeto TA como “Raízes indígenas e o canto das águas”, em menção à visita às populações indígenas locais e a uma travessia de barco entre as suas cidades citadas. Após a viagem, foram realizados mais quatro encontros, com o objetivo de ajudá-los no processo de escrita e finalização dos textos que foram publicados no livro “Do Rio ao Mar - Impressões do Brasil” (2015) ao término do projeto.

Nesses encontros, além da discussão sobre as fotografias feitas por eles segundo a proposta inicial, foram também trazidos e debatidos os textos que os estudantes escreveram durante a viagem. Esses textos também acabaram funcionando como marcas da atividade e dialogaram com as fotografias nos debates da oficina de fotos. Um exemplo de texto foi este bem-humorado Relato Lírico escrito pela aluna Fabrícia Mello:

Dois irmãos e uma mesma velocidade: E no quarto dia da viagem seguimos para o barco, e pelo rio Madeira que por dentro de sua lama esconde algumas ferinhas (...). O barco, que se chamava ‘Dois irmãos’, era bem velhaco e capenga. Durante a viagem fez inúmeras paradas indesejáveis, que nos deixavam sempre impacientes. Ele era grande, com três andares, o piso de uma madeira antiga e esburacada, a pintura já estava lá pelo fim, os banheiros sujos e, às vezes, chegavam a ser assustadores. (...) A lentidão da travessia era agonizante, um conselho a qualquer turista que pense em refazer esse roteiro: Pense muito bem! Principalmente se for algum morador de cidade grande acostumado com o ritmo acelerado da vida, ou então a alguém que sofra de síndrome do pânico... Para os senhores terem uma fagulha de ideia, ficamos em um barco grande de três andares, porém com a velocidade de uma formiga. Durante o percurso, outro barco da mesma proporção passou por nós e as pessoas a bordo nos acenaram — tchau! com tom irônico nas faces, além de deixarem escapar muitas gargalhadas. Parecíamos ponto de atração, pela nossa tamanha vagarosidade (MELLO, 2015: 28–31).

Chamou atenção o fato de que a maioria dos escritos feitos pelos estudantes se referia à travessia de barco, embora a mesma houvesse sido considerada por eles como um percurso extremamente desgastante e penoso. Diante disso, uma das jovens [Fabrícia] justificou que a vivência do barco fora impulsionadora da escrita, afirmando que “a necessidade é mãe da criação” e que “quando a gente se acomoda, a gente não cria”. Então, para ela, o barco foi um incômodo que disparou a criação.

A afirmação da aluna corrobora a concepção de Vigotski (2009), segundo a qual, na base da criação, há sempre uma inadaptação da qual surgem necessidades, anseios e desejos. Nas palavras do autor: “Se a vida ao seu redor não o coloca diante de desafios, se as suas reações comuns e hereditárias estão em equilíbrio com o mundo circundante, então não haverá base alguma para a emergência da criação. O ser completamente adaptado ao mundo nada desejaria, não teria nenhum anseio e, é claro, nada poderia criar” (VIGOTSKI, 2009: 40).

Isto é, se não houvesse desafios na vida, não haveria qualquer necessidade de criação. De fato, a travessia de barco foi um momento de intensa inadaptação que também pode ser considerado um momento de crise, no sentido utilizado por Clot (2010: 31) quando afirma que o desenvolvimento do poder de agir pode, inclusive, desenvolver uma crise em equilíbrios laboriosamente adquiridos. Uma crise que ficou bastante evidente na fala da aluna Thamires em um dos encontros é transcrita na conversa a seguir:

“Thamires: Eu não escrevo como antes.

Valeska: Você acha que está melhorando ou piorando?

Thamires: Nenhum dos dois. Nem melhorando, nem piorando.

Gabriel: Acho que ela estava esperando uma coisa que não aconteceu.

Thamires: Eu acho que o barco me marcou muito emocionalmente. Porque você fica ali sozinho, aí para pra pensar nas coisas... Foi isso... Eu estava quase morrendo no barco. (...) Eu tinha pesquisado. Eu sabia como ia ser... (...) Eu achava que não ia sentir saudade de nada. Eu me surpreendi comigo mesma.

Fabrícia: Ah, isso é verdade...”

Neste diálogo, a jovem indica uma mudança decorrente da viagem em seu modo de avaliar se seus textos literários estariam melhorando ou piorando. Concomitantemente, há a referência à intensa vivência de mal-estar no barco (“eu

estava quase morrendo”), que se explica pelo fato de que muitos sentiram fortes enjoos no percurso, mas também ao aspecto emocional da mesma.

Diante do que se coloca, esta foi a aluna que, segundo ela mesma, melhor havia se preparado para a viagem (“Eu tinha pesquisado. Eu sabia como ia ser.”), estando muito bem informada acerca de tudo que poderia encontrar por lá. Porém, foi pega de surpresa por sentimentos negativos – saudades de casa, por exemplo – que ela não imaginava. Nesse caso, parece ter havido o abandono da estabilidade anterior, que permitiu abrir espaço para novas possibilidades subjetivas. Trata-se de poder surpreender-se consigo mesma e também ver seus próprios escritos de um jeito diferente de antes, o que indica uma ampliação no poder de ser afetada e, conseqüentemente, um desenvolvimento no poder de agir. Este foi se consolidando durante o diálogo sobre a atividade – aqui, a dupla atividade de viajar e de fotografar a viagem –, como podemos observar adiante no debate acerca de uma das fotografias de Thamires.

A atividade revelada pela fotografia

Durante as oficinas, os estudantes trouxeram suas fotografias no formato digital e elas foram visualizadas pelo grupo na tela de um computador. Cada um deles foi apresentando suas cinco fotos ao grupo, uma a uma. Com esta foto, o debate sobre a viagem de barco foi retomado:

Figura 1 – foto de Thamires Bonifácio



Fonte: acervo de fotos do Projeto TA

“Alice: Um susto, né? Uma coisa do acontecimento do momento.

Gabriel: Gente, que maneiro!

Thamires: A menina apareceu. Quando eu tirei, a foto ela virou a cara. Aí eu olhei, era justamente o que eu estava sentindo. Ao mesmo tempo susto ou medo, ela tem um olhar de curiosidade. Mesmo sentindo tudo que eu estava sentindo, eu queria mais. Tanto é que, como eu falei, quando eu voltei da viagem, eu estava achando engraçado. Acho que foi bom o barco. Acho que ajudou bastante”.

A afirmação de Thamires sobre como a vivência do barco, no fim das contas, a teria ajudado, indica uma mudança de perspectiva, um jeito novo de perceber a vivência anterior. Se, em um primeiro momento, a travessia de barco havia sido referida como lugar de sofrimento, pela análise da atividade se manifesta uma outra dimensão dessa vivência. Isto é, uma dimensão de imprevisibilidade própria à atividade, que está sempre conectada ao movimento afetivo. Na situação dessa fotografia, embora este não tenha sido seu objetivo inicial, o inesperado olhar de medo, susto e curiosidade da menina captados pela câmera acabam refletindo os sentimentos da aluna naquele momento da viagem. O que seria uma fotografia de uma menina de costas em uma paisagem se torna um registro afetivo singular. Nesse contexto, a frase referida pela aluna (“Mesmo sentindo tudo o que eu estava sentindo, eu queria mais”) aponta para uma ampliação da vitalidade. Isto é, uma disposição em se deixar afetar que conduz a um posicionamento mais ativo diante dos acontecimentos.

Nota-se, então, como afirma Clot (2010: 16-17) em referência a Vigotski, que a renovação do sentido da atividade que pode ocorrer em períodos de intensa excitação tem o poder de ampliar o raio de ação do sujeito. Nesse processo, há uma liberação de energia anteriormente insuspeitada capaz de erguer o sujeito a um nível mais elevado da atividade que aparece por ocasião da intensa vivência emocional, como foi a do barco para os estudantes.

Ao comparar o processo dos colegas com o próprio através das fotografias, há a criação de um movimento dialógico capaz de fomentar novas ideias sobre a atividade e capaz de agitar potências impensadas. Ao conhecer outros sentidos para a atividade de escrita, surgem novas questões a esse respeito, como se fosse aberto um leque de possibilidades. E, considerando que aquilo que o sujeito põe em palavras a partir do debate sobre o vivido na atividade nunca existiu antes dessa forma (TEIXEIRA;

BARROS, 2009: 88), torna-se possível o seu desenvolvimento ativo. O diálogo, nesse sentido, não funciona como um revelador do vivido, mas, sim, como uma ação sobre a ação, capaz de transformar a vivência vivida.

Sob esse viés, a discussão sobre a fotografia na oficina revela (no sentido fotográfico) essa energia liberada com o desenvolvimento. Ou seja, uma vivência na qual inicialmente só se consideravam os pontos negativos (como no negativo da fotografia) adquire novos sentidos e se revela com novos contornos e cores no âmbito desse método dialógico.

Uma análise compartilhada protagonizada pelos turistas aprendizes

Uma importante característica da perspectiva metodológica da clínica da atividade diz respeito ao fato de que o pesquisador atua como um coadjuvante no processo de análise, funcionando como um mediador do diálogo engendrado a partir da intervenção da oficina de fotos. Trata-se, portanto, de um método participativo em que os sujeitos da pesquisa são convocados a se posicionar ativamente, como protagonistas da análise.

Foi possível observar esse posicionamento ativo por parte dos jovens de uma forma lúdica na oficina de fotos em questão. Durante os encontros da oficina, antes que o jovem autor da foto explicasse para seus colegas que aspecto da vivência de escrever/viajar era trazido por aquela fotografia, os demais membros do grupo eram suscitados pela pesquisadora a falar sobre aquela imagem. Rapidamente, tal procedimento se consolidou como regra de um jogo inventado por eles, no qual os jovens misturavam suas impressões da fotografia do outro à brincadeira de adivinhar o que, provavelmente, o colega havia pensado sobre a foto. Como ocorreu, por exemplo, na situação que se coloca no diálogo abaixo:

Figura 2 - foto de Valeska Torres



Fonte: acervo de fotos do Projeto TA

“Gabriel: Parece uma nova etapa, um nascer, uma transformação, uma metamorfose...

Valeska: Vocês são muito bons! Ou vocês me conhecem muito ou eu sou muito clara no que eu sou.

Douglas: Provavelmente é porque a gente te conhece bastante né, Valeska? Convivemos juntos 10 dias!

Valeska: Essa foto foi tirada no barco, foi no primeiro dia. Primeiro dia que nasceu sol. E acordei bem cedo. Todo dia é o mesmo sol, mas todo dia ele aparece assim... e todo dia é um novo dia. A minha ideia mesmo era de renovação... de uma coisa que eu estou aprendendo. De algo novo, talvez, ou de algo nascendo... E a escrita envolve exatamente isso, né? Quando você começa a escrever. Quando a gente está escrevendo a gente meio que... se descobre escrevendo. Geralmente poesia é assim. Escrever poesia é muito subjetivo, uma coisa muito de si, você acaba descobrindo... Você escreve, parece que está se descobrindo... Não sei... Não sei como explicar muito bem. Mas parece... Cara, eu sou assim e eu escrevi isso.”

No debate sobre essa fotografia, a jovem refere uma renovação e descoberta de si por meio da atividade de escrever poesia – gênero literário escolhido por ela para compor sua contribuição no livro. Seus colegas, não casualmente, acertam ao tentar adivinhar que aspecto da atividade de criação literária ela quis trazer com essa imagem.

E também não é à toa que Valeska se entusiasma com o fato de ser compreendida tão prontamente.

Efetivamente, é possível perceber a sintonia criada no grupo pelas experiências de viajar e escrever juntos. O fato de os colegas praticamente adivinharem o que Valeska queria dizer com a fotografia sem que ela dissesse uma só palavra sobre isso é apenas um dos exemplos de uma situação se repetiu ao longo da oficina de fotos. Isto é, uma compreensão da expressão afetiva própria e dos colegas. A ampliação da sensibilidade gerada pela vivência da travessia de barco acabou por suscitar afetos que tiveram vazão nos textos, gerando essa renovação do conhecimento de si descrita por Valeska. Este pode ser considerado um exemplo de arte como técnica do sentimento, conforme o conceito de Vigotski (2004). Dito de outro modo, trata-se aqui do processo pelo qual a escrita acaba servindo ao conhecimento dos afetos em um movimento de ligação entre emoções e consciência referido pela aluna como um aprendizado.

Segundo a perspectiva da psicologia histórico-cultural (VIGOTSKI, 2009: 77), a adolescência é apontada como uma fase de “emoção à flor da pele”, quando geralmente a escrita se torna a forma preferida de expressão artística em detrimento de desenho. Como afirma Smolka acerca do tema:

Nesta fase [adolescência], as possibilidades de atividade mental passam a se realizar de maneira mais autônoma na esfera subjetiva. Sensibilidade e emoção se entrecruzam na constituição do pensamento verbalizado. As palavras podem funcionar como um meio de tornar-se, cada vez mais, um meio de reflexão e de regulação interna enquanto condensam emoções e imagens que podem ganhar forma na criação literária (SMOLKA, 2009: 77).

Para Vigotski (2009: 77), na adolescência, a emoção à flor da pele pode, por um lado, levar o jovem ao isolamento, à introspecção e à fuga da realidade; e, por outro, pode haver um enriquecimento na relação dele com o mundo à sua volta. Isso pode acontecer desde que ele seja capaz de criar um significado para esse sentimento, possibilidade que pode se dar através de formas artísticas, como a criação literária, por exemplo.

Embora Valeska afirme a escrita da poesia como algo que “é muito subjetivo, uma coisa muito de si”, é interessante notar como o sentimento de renovação vivido por ela também é reconhecido por seus colegas quando veem sua fotografia. A escrita poética que poderia ser solitária encontra ressonância na análise compartilhada da atividade entre os jovens, contribuindo para a integração entre pensamento – consciência de si – e afetos que são significados socialmente. Ao estimular o

pensamento reflexivo acerca de sua própria atividade, o método permite, igualmente, o desenvolvimento da mesma.

O desenvolvimento do poder de agir depende, é certo, de uma maior mobilidade interfuncional, entendida aqui como a capacidade de colocar uma função a serviço da outra – por exemplo, as emoções a serviço do pensamento e vice-versa (CLOT, 2010). Dessa forma, a análise compartilhada da atividade realizada em comum, entre os jovens, se fez integrando pensamento e afetos, de modo que a experiência da escrita em viagem acabou sendo revivida na oficina como uma nova experiência, em benefício do desenvolvimento do poder de agir.

Um ponto de chegada

A partir do método da oficina de fotos, foi possível acompanhar o desenvolvimento do poder de agir dos jovens do Projeto Turista Aprendiz: o desenvolvimento dos jovens pôde ser observado tanto pelos profissionais do Projeto, quanto pelos jovens participantes. A metodologia analítica participativa empregada neste estudo aproveitou o processo de transformação engendrado pela intervenção do Projeto TA para compreender os efeitos da atividade de criação literária na subjetividade dos jovens. Também, funcionou como uma atividade – de análise – sobre a atividade de experimentar novos mundos e se expressar pela escrita sobre essa experiência. Como afirma Clot (2010): “Se ‘é somente em movimento que um corpo mostra o que é (VYGOTSKI, 1978, p. 64–65)’, é apenas através de uma *experiência de transformação* que a atividade psicológica pode revelar seus segredos. Ora, a única possibilidade de atingir tal objetivo é pelos meios deslocados de um desenvolvimento ‘provocado’” (p. 63, grifo do autor).

Verifica-se que a mudança de ritmo subjetivo provocada pela lentidão do barco pode ser indicada, a partir da oficina de fotos, como uma vivência importante para a atividade de criação literária. Isto é, ao reviver o incômodo da travessia na oficina, os jovens puderam criar outro sentido para a mesma do ponto de vista da atividade. Sendo assim, o que antes havia sido significado por eles como uma vivência desgastante e penosa, passou a ser visto como um incômodo mobilizador da criação literária. Esta nova forma de perceber a vivência de viagem configura um reposicionamento subjetivo e é decorrente do diálogo na oficina de fotos. Esta foi capaz de suscitar um movimento afetivo entre os jovens, que pode ser recolocado em palavras em um intercâmbio funcional entre pensamento e emoção, como é próprio da criação literária.

No âmbito da análise compartilhada das fotografias pelos jovens, houve uma ampliação no seu poder de serem afetados e um concomitante posicionamento mais ativo por parte deles. Com isso, a oficina de fotos se mostrou um método provocador de desenvolvimento, com benefícios para a ampliação do poder de agir no âmbito da atividade de criação literária.

Referências

- ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Estabelecimento de Texto, Introdução e Notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1976.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BARROS, Maria Elizabeth Barros de; PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Psicologia e trabalho docente: intercessões com a clínica da atividade. *Psicologia & Sociedade*, vol. 26, n° esp., 2014.
- CLOT, Yves. *A Função Psicológica do Trabalho*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CLOT, Yves. *Trabalho e Poder de Agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- DADALTO, Caroline Fonseca; VASCONCELOS, Christiane Mercês; SANTOS, Christianne Mariani Lucas dos; ROSEMBERG, Dulcinea Sarmiento; ARCHANJO, Juliana Valadão Leite; PETINELLI-SOUZA, Susane. O vídeo produzindo encontros e confrontos para uma clínica da atividade docente. In: D. S. ROSEMBERG, Dulcinea Sarmiento; RONCHI FILHO, Jair; BARROS, Maria Elizabeth Barros de (orgs.). *Trabalho docente e poder de agir: clínica da atividade, devires e análises*. Vitória: EDUFES, 2014.
- LOURAU, René. *René Lourau na UERJ - Análise Institucional e Práticas de Pesquisa*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1993.
- MAGIOLINO, L. *Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski*. Campinas SP, 2010.
- MELLO, Fabrícia. Relato Lírico. In: PEREIRA, Maria (org.). *Do Rio ao Mar: Impressões do Brasil*. Rio de Janeiro: Praga Conexões, 2015.
- OSORIO, Claudia. Experimentando a fotografia a como ferramenta de análise da atividade de trabalho. *Revista Informática na Educação: teoria e prática*, vol. 13, n°1, 2010.
- OSORIO DA SILVA, Claudia. A fotografia como uma marca do trabalho: um método que convoca o protagonismo do trabalhador na invenção de mundo. In: ZANELLA, Andréa Vieira; TITTONI, Jaqueline (orgs.). *Imagens no pesquisar: experimentações*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2011.
- OSORIO DA SILVA, Claudia. Clínica da atividade e análise institucional: inflexões do transformer para compreender. In: OSORIO DA SILVA, Claudia; ZAMBONI,

- Jésio; BARROS, Maria Elizabeth Barros de (orgs.). *Clínicas do trabalho e análise institucional*. Rio de Janeiro: Nova Aliança Editora e Papés, 2016.
- OSORIO DA SILVA, Claudia; SOUTO, Alice Paiva; MEMÓRIA-LIMA, Karla Maria Neves. A pesquisa-intervenção em Psicologia do Trabalho em um aporte que toma o desenvolvimento como método e objeto. *Fractal*, vol. 27, nº 1, 2015.
- PEREIRA, Maria. *Do Rio ao Mar: Impressões do Brasil*. Rio de Janeiro: Praga Conexões, 2015.
- ROSEMBERG, Dulcinea Sarmento; RONCHI FILHO, Jair; BARROS, Maria Elizabeth Barros de (orgs.). *Trabalho docente e poder de agir: clínica da atividade, devires e análises*. Vitória: EDUFES, 2011.
- SMOLKA, Ana Luiza. Apresentação e comentários. In: VIGOTSKI, Lev. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico – livro para professores*. São Paulo: Ática, 2009.
- SOUTO, A.P. ESCREVER É UMA VIAGEM. A atividade de criação literária no desenvolvimento dos turistas aprendizes. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- SPINOZA, B. *Ética*. III ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.
- TEIXEIRA, Danielle Vasconcelos; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Clínica da atividade e cartografia: construindo metodologias de análise do trabalho. *Psicologia & Sociedade*, vol. 21, nº1, 2009.
- VIGOTSKI, Lev. *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico – livro para professores*. São Paulo: Ática, 2009.
- VIGOTSKI, Lev. *Teoría de las emociones – Estudio histórico-psicológico*. Madrid: Ediciones Akal, 2004.
- WISNER, Alain. *Réflexions sur l'Ergonomie*. Toulouse: Octarés, 1995.

Alice Paiva Souto
Universidade Federal Fluminense
E-mail: alicesouto.psi@gmail.com

Claudia Osorio da Silva
Universidade Federal Fluminense
E-mail: claudia.osorio.uff@gmail.com

¹ Mais informações sobre o projeto podem ser encontradas no site www.turistaaprendiz.com.

² Os estudantes participaram da oficina de fotos na mesma época em que estavam em fase de conclusão de alguns textos que compõem a coletânea *Do Rio ao Mar – Impressões do Brasil* (PEREIRA, 2015), escrita a partir de sua vivência no Projeto TA.

³ No primeiro semestre, as oficinas foram realizadas nas Bibliotecas Parque de Manguinhos e da Rocinha. Já no segundo semestre, foi a vez da Biblioteca Parque do Complexo do Alemão e Biblioteca Parque Estadual (BPE). Com exceção desta última, todas as demais bibliotecas estão localizadas no interior de favelas da cidade do Rio de Janeiro. No caso da BPE, esta se localiza no centro da cidade, sendo um ponto estratégico devido à proximidade com a Central do Brasil que viabilizou a presença de estudantes de bairros de diversas regiões como Paquetá, Santa Cruz, Caxias, Cidade de Deus, Curicica entre outros.

⁴ Os roteiros propuseram um diálogo com as viagens etnográficas realizadas pelo escritor Mário de Andrade na década de 1920 e cujos relatos foram publicados anos mais tarde no livro *O Turista Aprendiz* (ANDRADE, 1976). Eles abarcaram a região Norte e Nordeste, sendo que um deles passa pelo Maranhão e pelo Pará e outro pelo Amazonas e por Rondônia. Foram incluídos também roteiros no Centro-oeste e Sudeste do país, compreendendo Brasília, Goiás e o sertão mineiro, lugares importantes para (re)conhecer a diversidade cultural brasileira.

⁵ Os critérios de seleção para esta etapa consistiram na avaliação feita pelos professores das outras oficinas do projeto de um texto escolhido pelo estudante, acompanhado de um argumento seu sobre ele; votação da turma; e cruzamento dos dois resultados pela equipe pedagógica. Os critérios da equipe pedagógica foram: a presença do aluno no curso; seu comportamento nas viagens e passeios; sua participação nos debates; e a sua autoavaliação.

⁶ Os registros de falas são abordados nas “Instruções ao Sósia” (CLOT, 2007; 2010) e os registros em vídeo nas “Autoconfrontações Cruzadas”. Estes últimos têm sido os mais investidos nos estudos franceses atuais (CLOT, 2007; 2010) e também usados no Brasil (ver DADALTO et al., 2011). As fotos têm sido usadas como mediador no Brasil, sobretudo nos grupos de pesquisa NUTRAS - UFF (OSORIO DA SILVA et al., 2015) e NEPESP-UFES (ROSEMBERG et al., 2011).